“A CONSISTÊNCIA E A INSISTÊNCIA: O IMAGINÁRIO E O SIMBÓLICO NO INÍCIO DO ENSINO DE LACAN”

“Consistency and persistence: the imaginary and the symbolic at the beginning of Lacan’s teaching”

RESUMO O presente estudo tem como objetivo explorar as concepções psicanalíticas referentes às tópicas do imaginário e do simbólico, referentes aos primeiros momentos do ensino de Jacques Lacan, procurando caracterizá-las como consistência e insistência, respectivamente. Um excerto de um poema de Sylvia Plath será tomado como mote para a dialética de imagens próprio ao registro do imaginário. A partir da teoria do Estádio do Espelho, o eu será caracterizado como uma organização passional, libidinizada e, decorrente disso, verificar-se-á a sua dimensão do desconhecimento, da ilusão e a concorrência agressiva. A investigação sobre o registro do simbólico nos levará a identificá-lo com a ordem da linguagem, sendo caracterizado por sua anterioridade lógica e pelas leis que regulam os elementos do significante. A consistência do imaginário será identificada com a característica ortopédica do eu, que escamoteia a insuficiência. A insistência do simbólico será observada por meio do descentramento do sujeito do inconsciente em relação ao si mesmo. O sujeito realiza-se em outro lugar, na cadeia significante, na qual algo do desejo insiste, e onde alguma verdade subjetiva pode ser alcançada. Ao final, algumas considerações são formuladas a respeito da incidência de ambas as tópicas na escuta psicanalítica.

PALAVRAS-CHAVE: IMAGINÁRIO; SIMBÓLICO; JACQUES LACAN.

ABSTRACT This study aims to explore psychoanalytic concepts regarding the imaginary and the symbolic orders, referring to the first moments of Jacques Lacan’s teaching, by seeking to characterize them as consistency and insistence, respectively. An excerpt from a poem by Sylvia Plath will be taken as a motto for the images dialectics, as it is typical in the imaginary register. Based on the Mirror Stage theory, the ego will be characterized as a passionate organization, highly invested with libido and, arising from this, it will be verified its ignorance and delusion dimensions, as well as the aggressive competition. The symbolic register’s research will lead us to identify it with the order of language, being characterized by its logical precedence and the laws that regulate the elements of the signifier. The consistency of the imaginary will be identified with orthopaedic characteristic of the ego that covers up the insufficiency. The insistence of the symbolic will be observed by the decentering of the subject of the unconscious in relation to itself. The subject takes place elsewhere, in the signifying chain, in which something about the desire insists, and where some subjective truth can be achieved. Finally, some considerations are made about the incidence of both orders in psychoanalytic listening.

KEY-WORDS: IMAGINARY; SYMBOLIC; JACQUES LACAN.

**ANTONIO HENRIQUE
RUIZ NAKASHIMA**
Faculdade de Medicina de
Botucatu (FMB - Unesp),
Botucatu/SP – Brasil

INTRODUÇÃO

Lacan (1953/2005) confere à realidade humana a proposição de três registros essenciais, designando-os simbólico, imaginário e real. A conceituação destes, bem como a articulação entre eles, sofreu modificações ao longo da elaboração de sua obra.

Há diversas maneiras de periodizar o seu percurso intelectual. Um deles, apontado por Leite (2000), arregimenta a sua produção compreendida entre os anos de 1936 e 1953 como o “registro do imaginário”, período centrado na teoria do Estádio do Espelho. A partir de 1953, ano reconhecido por Lacan como marca do início de seu ensino, até 1964, ele desenvolveu o “registro do simbólico”, período correspondente ao retorno a Freud, composto por seminários e escritos nos quais verifica-se a releitura da obra freudiana a partir da inteligibilidade estruturalista.

Este estudo visará caracterizar esses dois registros da realidade humana – o imaginário e o simbólico – balizando-se nas indicações presentes nesses dois momentos iniciais da produção teórica de Lacan.

A CONSISTÊNCIA DO IMAGINÁRIO

*Espelho, espelho meu, existe alguém
mais bela do que eu?*

Branca de Neve e os Sete Anões

A caracterização da tópica do imaginário terá como mote inicial os elementos presentes na segunda metade de um poema escrito por Sylvia Plath, em 1961, cujo título já alude tanto à pergunta que serve de epígrafe a esse tópico, quanto ao desenvolvimento teórico sobre o registro da experiência humana que está aqui em questão, o imaginário: o poema é intitulado “Espelho”.

(...)

Sou um lago, agora. Uma mulher se
debruça sobre mim,

Buscando em minhas margens sua
imagem verdadeira.

Então olha aquelas mentirosas, as
velas e a lua.

Vejo suas costas, e a reflito fielmente.

Me retribui com lágrimas e acenos.

Sou importante para ela. Ela vai e
vem.

A cada manhã seu rosto repõe a es-
curidão.

Ela afogou uma menina em mim, e
em mim uma velha

Emerge em sua direção, dia a dia,
como um peixe terrível.¹

O trecho do poema evidencia a dialética especular – buscar nas margens do lago a imagem verdadeira; refletir fielmente as costas da mulher na qual encontra algum reconhecimento. Especularidade essa que teria como participantes uma dupla muito cativante, explorada à exaustão pelas campanhas publicitárias dos mais diversos produtos e serviços: uma mãe e o seu bebê. E o que está posto aí? Amor devotado, o amor que a mãe concede ao seu bebê. Freud (1914/2010) nos indica que a mãe afetuosa tem seu rebento como “o centro e o âmago da Criação. His Majesty the Baby”.² Em favor do filho, a mãe afetuosa estaria inclinada a suspender o funcionamento de todas as aquisições culturais, que ela mesma se viu compelida a respeitar, e ainda, tal qual uma fada madrinha, bem poderia vaticinar à criança uma vida de prodigalidades, desprovida de qualquer sombra de miséria ou interdito: “Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela”.³

Percebe-se aí que ocorre uma atribuição de imagens, e que essa relação mãe-bebê é marcada pela dualidade, ou melhor, pela ilusão de dualidade, como poderemos observar adiante. Entre ambos não haveria nenhuma mediação, no espelho haveria apenas eu e o outro. Mas como é que esse eu se constituiria? Segundo Freud (1914/2010), “é uma supo-

¹ PLATH, 1961/2005, p. 27.

² FREUD, 1914/2010, p. 37.

³ Ibid., p. 37.

sição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido”,⁴ ou seja, o eu é constituído. É aqui que intervéem o Estádio do Espelho como desenvolvimento teórico convocado a elucidar a tópica do imaginário.

Lacan (1949/1998), em seu escrito sobre o Estádio do Espelho, esclarece-nos que a constituição do eu ocorre por meio de uma identificação primordial com um dado virtual, qual seja, sua imagem especular. Esta última poderia ser entendida como uma forma primordial (*Urbild*) na qual o eu se precipita, “uma unidade ideal, uma imago salutar”.⁵ Essa identificação, operada no sujeito humano entre os seis e dezoito meses de vida, dá-se a partir do reconhecimento do sujeito na percepção da própria imagem refletida no espelho. Fato interessante é que esse reconhecimento implica a subjetividade na medida em que é acompanhado de uma jubilação triunfante – essa dimensão de intensa alegria ao se reconhecer na própria imagem nos remete ao aspecto pulsional aí envolvido, já que, economicamente falando, o narcisismo caracteriza-se como investimento da libido sobre si mesmo, ou seja, amor por si mesmo. O curioso desse fato é que o júbilo só é observado na espécie humana: em chimpanzés, o encontro com a sua imagem em um espelho gera apenas uma experiência de inutilidade objetual, a despeito de possuírem maior inteligência instrumental quando comparados com uma criança de seis meses de idade (LACAN, 1948/1998).

Assim, não obstante o bebê humano encontrar-se em um estágio de desenvolvimento neurológico aquém do real controle sobre o seu corpo, da organização de seu esquema corporal, ele se percebe integrado em uma unidade, total, reconhecendo-se na imagem que vê projetada em um espelho. Há, portanto, uma discordância aí envolvida: ocorre uma antecipação da totalidade, em que pese a insuficiência, a prematuração fisiológica.

(...) o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental.⁶

Da insuficiência para a antecipação: a partir da leitura que Leite (2000) empreende do Estádio do Espelho, pode-se afirmar que a tese que Lacan pretendeu defender aqui é a antecipação do psíquico sobre o fisiológico como consequência da impossibilidade do organismo organizar-se, ou seja, da “prematuração específica do nascimento no homem”.⁷

Anteriormente à identificação com a imagem especular unificadora, o bebê experienciava o seu corpo sob o primado do autoerotismo, sobre o qual Freud (1905/1976) desenvolve no Segundo de seus Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. No autoerotismo, característica das manifestações sexuais na tenra infância, cujo exemplo mais notório é o chuchar (sugar com leite), o bebê encontra satisfação no seu próprio corpo de acordo com o regime das pulsões parciais: além de ser autoerótica, outra característica da atividade sexual infantil é que o alvo sexual encontra-se sob o domínio de diferentes zonas erógenas. Assim, antes do Estádio do Espelho, o bebê humano supostamente experimenta o seu corpo como despedaçado (*corps morcelé*, referência teórica que Lacan deduziu a partir das fantasias surgidas no decurso de uma análise), esfacelado pela atividade das pulsões parciais, que operam independentes umas das outras. O momento de viragem do Estádio do Espelho resultaria na substituição des-

⁴ Ibid., p. 18-19.

⁵ LACAN, 1948/1998, p. 115.

⁶ LACAN, 1949/1998, p. 100.

⁷ Ibid., p. 100.

se corpo despedaçado pela forma ortopédica, antecipando uma totalidade cujo aspecto de engodo é denunciado pelo descompasso existente entre essa forma e a “insuficiência orgânica de sua realidade natural”.⁸

Tudo ocorreria como um ramallete de flores amarrado com uma fita: as pulsões parciais não se fundem entre si, em um único feixe; elas apenas estão juntas, tal qual os ramos das flores de um buquê, em uma configuração que, aparentemente, é unificada. Desatemos o laço, a ilusão de unidade se desfaz. O laço aqui é o que confere a consistência ao eu, característica do registro do imaginário.

Uma precisão deve ser feita nesse ponto: está sendo utilizada a expressão *imagem especular* ou *própria imagem refletida no espelho*. Pois é importante salientar que o Estádio do Espelho é uma metáfora, não sendo necessário que uma criança posicione-se em frente a um espelho factual para que ele opere. “A unidade do corpo é prefigurada pela imagem do outro ou pela imagem do espelho. O eu é, portanto, constituído por essa imagem que o semelhante lhe confere como um corpo unificado.”⁹ Dessa forma, o importante é a identificação realizada pela criança com a imagem unificante em questão, seja ela especular (refletida em um espelho) ou não. Além disso, outra peculiaridade evidencia-se a partir desta citação: *imagem que o semelhante lhe confere*, o que remete a uma expressão que Lacan (1948/1998) emprestou de Rimbaud: “Eu é um outro”.¹⁰ Essa imagem – forma total do corpo – antecipa a maturação do bebê em uma miragem, “numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída”.¹¹ Constituinte do eu, e não constituída pelo sujeito: ela é alienígena, estrangeira, vem de fora, do outro. Daí seu caráter alienante: o eu é uma construção imaginária resultante da dialética especular, precipitado da imagem que provém do *alien*; um objeto, portanto. Lacan (1954-1955/2010), aliás, chega

a dizer que o eu é, literalmente, um objeto. Não é anódino o fato de seu ensino designá-lo como *moi* – em francês, este seria equivalente ao nosso *mim*, o pronome oblíquo tônico da primeira pessoa do singular. A análise de uma frase como “Você chamou a mim ao teu encontro?” revela que o *mim* exerce função sintática de objeto.

Considerando o eu como sendo um outro, Lacan (1948/1998) afirma que toda subjetividade possui uma estrutura bipolar. Essa seria uma consequência da forma como ocorre a constituição do eu.

A formação do eu através da imagem do outro, do seu duplo especular, dá à subjetividade sua característica bipolar, atribuindo ao eu a particularidade de ser essencialmente paranoico, pois um eu nunca está só, estando sempre acompanhado de seu duplo especular, o eu-ideal.¹²

Daí que essa característica bipolar da subjetividade expede essa pesquisa sobre o imaginário a outra peculiaridade, já presente na citação supracitada: o atributo paranoico evidenciado no eu, característica extensiva à forma de conhecimento empreendida pelo ser humano. De fato, o conhecimento é paranoico dado que o acesso a ele, ou a sua elaboração, é realizado pelo eu – é a partir do eu que o homem concebe o mundo e o conhece (QUINET, 2000). Lacan (1956/1998) esclarece que os objetos do conhecimento humano estão sujeitos a uma lei de duplicação imaginária, ou seja, os objetos da realidade, ou simplesmente a realidade, são modelados à imagem do sujeito cognoscitivo. Quanto a isso, Quinet (2000) pontua: “no ato de conhecer o mundo a forma do eu se reflete sem que no entanto o sujeito disso se dê conta”.¹³ Desse modo, segundo o conhecimento religioso, Deus fez o homem à sua própria imagem; o homem, ao conceber a realidade, também assim o faz – nos objetos

⁸ Ibid., p. 99-100.

⁹ QUINET, 2000, p. 10.

¹⁰ LACAN, 1948/1998, p. 120.

¹¹ LACAN, 1949/1998, p. 98.

¹² QUINET, 2000, p. 10.

¹³ Ibid., p. 45.

do mundo, o sujeito vê o seu próprio reflexo, ou seja, o seu próprio eu.

Esse aspecto paranoico envolvido no conhecimento denuncia uma verdadeira paixão pelo eu: o eu é muito querido. Lembremos do júbilo vivido pela criança ao se reconhecer na *Urbild*, no eu-ideal: o eu é carregado de libido. “Essa relação erótica, em que o indivíduo humano se fixa numa imagem que o aliena em si mesmo, eis aí a energia e a forma de onde se origina a organização passional que ele irá chamar de seu eu.”¹⁴

A partir disso, surgem duas questões. A primeira delas refere-se à conseqüente forma enganosa presente no conhecimento humano: se tudo aquilo que o sujeito concebe e conhece leva a chancela da paixão imaginária pelo seu próprio eu, que verdade pode ser encontrada aí? E quanto à verdade do próprio sujeito: ela poderia ser acessada a partir do eu? Se a verdade estivesse centrada nessa organização, razoabilidade haveria em buscá-la a partir dela. Porém, reitera-se: o eu é um outro. A *Urbild* possui uma função externalizadora, derivada da alteridade como semelhante (outro como semelhante, notado como “a” por Lacan), mas que, a despeito disso, o sujeito faz dessa forma algo seu, apaixona-se por ela, assujeita-se a ela. Mas essa paixão não é anódina. Sublinhamos o descompasso existente entre a *Urbild* integradora e a desordem orgânica original do homem: este se apaixona pela imagem que escamoteia a sua insuficiência. O adjetivo “ortopédica”, concedido por Lacan a essa imagem unificante, é uma feliz designação, tendo em vista que ela é tal qual uma indumentária que cabe perfeitamente ao si mesmo do sujeito, acomoda-se a ele confortavelmente. O eu, como tudo que é da ordem do imaginário, caracteriza-se pela consistência, uma vez que tudo, aparentemente, faz sentido nesse registro. Preso aos liames das certezas imaginárias, o sujeito encontra conforto. O eu é a ilusão que lhe confere a consistência de ser homem inteiro. O fato do eu ser imaginário não tem nada de ruim; ao contrário, é o que ele tem de bom: não fosse o

eu uma construção imaginária, seríamos luas, não homens, disse Lacan na aula XIX do seu seminário 2 (1954-1955/2010). Porém, também disse ali que, para sermos homens, não basta somente esse eu imaginário. O eu do homem nunca é redutível à sua identidade vivida (LACAN, 1948/1998) – dada a sua estrutura rígida, o eu mostra-se refratário quanto aos questionamentos de sua delimitação (e a vida, em cada recorte ocasionado pelas grandes metamorfoses pulsionais, está sempre a lhe dirigir essas questões): construção imaginária que é, o eu não recobre todo o campo do humano, de modo que a verdade referente a este último não pode mesmo ser buscada aí. Esta é a posição referente à primeira questão levantada: o eu não se presta como lugar da verdade. Ao contrário, é lugar de desconhecimento, de alienação. Vê-se, portanto, que o eu comporta essencialmente um engodo, pura ilusão. Mas uma ilusão investida de muita libido, daí decorre a segunda questão.

Voltemos ao poema de Sylvia Plath. Nos dois últimos versos, a mulher que lhe atribui reconhecimento e para quem, ela, como um lago espelhado, reflete suas costas, afoga nela uma menina, insurgindo aí uma velha, que perpetra uma perseguição cotidiana contra a menina, como um peixe terrível. Se o poema nos leva a refletir acerca do registro do imaginário, a leitura desses últimos versos nos remete ao aspecto mortífero presente nele. De fato, voltando à teoria psicanalítica, uma das teses defendidas por Lacan (1948/1998), em seu texto sobre a agressividade, enuncia justamente a correlação observada entre agressividade e narcisismo: “Essa forma [a *Urbild*, o eu-ideal] se cristalizará, com efeito, na tensão conflitiva interna ao sujeito, que determina o despertar de seu desejo pelo objeto de desejo do outro: aqui, o concurso primordial se precipita numa concorrência agressiva”.¹⁵

Essa concorrência agressiva fende o espaço da antiga comunhão especular entre a mãe e seu bebê. Mas por que haveria essa passagem das núpcias da comunhão especular para as bodas de sangue da concorrência

¹⁴ LACAN, 1948/1998, p. 116.

¹⁵ LACAN, 1948/1998, p. 116.

agressiva? – parodiando Costa (1989), ao debruçar-se sobre a mesma questão. Esse autor propõe uma ideia interessante que põe em causa o que Lacan parece querer dizer com *objeto do desejo do outro*. Segundo ele, uma vez que a assunção da imagem especular pelo bebê depende do reconhecimento do olhar materno, o sujeito toma sua própria imagem como objeto do desejo do outro, da mãe, passando a concorrer com esta pela posse da imagem (eu quero o que ela quer), além de concorrer agressivamente com a sua própria imagem (o sujeito não é idêntico a essa imagem, sendo ela, e não ele, aquilo que o outro quer). “Todo amor por si mesmo traz o germe do ódio a si mesmo e ao outro.”¹⁶

Concentremo-nos por um momento no ponto de que o sujeito não é idêntico à sua imagem. Algo que pode ser apreendido da tese defendida por Lacan (1948/1998), quando correlaciona narcisismo e agressividade, é que esta decorre da impossibilidade do sujeito em apropriar-se totalmente da própria imagem. Embora esta seja rígida, sua sustentação pelo sujeito é precária, instável. Ela sempre está a lhe escapar, denunciando a insuficiência original que mascara. Como foi dito, a vida está constantemente a questionar os delineamentos do eu, contra o quê o sujeito se arvora agressivamente, buscando reassuramentos narcísicos quanto ao conforto daquilo que ele concebe ser e não quer mudar. É aqui que se retoma a ideia que remeteu a discussão a esta segunda questão, que diz respeito à agressividade: o eu é uma ilusão investida de libido. O homem ama seu eu, é a partir dele que se sente uma unidade. Foi com o eu-ideal, a forma primeva da constituição do eu, que experimentou o primeiro reconhecimento advindo do olhar do Outro. Então, posto esse amor pela imagem, qualquer elemento que venha do outro (seja um traço, um comportamento, um comentário...) que venha a pôr em xeque a integralidade dela, é investido com agressividade. A epígrafe do presente tópico nos remete a toda força agressiva do mundo regido por imagens. Quando, em resposta ao

recorrente pedido de reconhecimento – *Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?* – o espelho diz à madrasta que ela já não ocupava o lugar de mulher mais bela do reino; que outra, Branca de Neve, ostentava mais beleza em sua imagem, qual a reação da madrasta? Eliminar Branca de Neve. Lembremos o núcleo paranoico existente no eu: quando um semelhante contribui para desarranjar os delineamentos da imagem querida, o sujeito perpetra uma ação violenta contra esse outro, matando nele algo seu, mas que retorna paranoicamente na imagem desse semelhante. Seguindo o modelo do Estádio do Espelho, o sujeito agride quando sente que a imagem do outro evoca nele o corpo despedaçado, coloca em questão a unidade conquistada pela formação do eu. Assim, consideramos que os últimos versos do poema fazem alusão a um mergulho narcísico, mortífero, dado que, no imaginário, o outro pode ser muito amado, quando assegura o sujeito de sua ortopedia imagética; ou extremamente odiado, quando a contesta. Fusão apaixonada, sem limites; ou guerra de foices, sem limites tampouco. Evidencia-se, então, uma falta de limites, de regras, de um terceiro legislador que estivesse acima de ambos – eu e outro —, que instituisse, na relação entre eles, o que é legítimo e o que é interdito.

Se o imaginário confere consistência, também é lugar de desconhecimento, de engodo, além de um ringue de luta.

A INSISTÊNCIA DO SIMBÓLICO

*As coisas que eu sei de mim
São pivetes da cidade
Pedem, insistem e eu
Me sinto pouco à vontade
Transversal do tempo.¹⁷
(Aldir Blanc – João Bosco)*

Investigando ainda mais a relação especular mãe – bebê, encontramos uma citação de Lacan (1961/1998), em que ele sublinha ou-

¹⁶ COSTA, 1989, p. 143.

¹⁷ REGINA, Elis. *Elis*. Lp Philips n°. 6 349 334, 1977. Lado 2, faixa 5.

tro registro, além do imaginário, já operando na dupla do espelho: “(...) no gesto pelo qual a criança diante do espelho, voltando-se para aquele que a segura, apela com o olhar para o testemunho que decanta, por confirmá-lo, o reconhecimento da imagem, da assunção jubilatória em que por certo ela já estava”.¹⁸ Salientamos dois pontos do excerto supracitado. Léger (1999), em seu texto sobre o imaginário, expõe uma observação que encontra ressonância com a citação. Segundo ele, para que o Estádio do Espelho possa operar, é necessário que a captação imaginária da imagem especular tenha uma testemunha, sem a qual a operação não se efetiva. Desse modo, observa-se, nesse escrito de Lacan, de 1961, uma inovação teórica quanto à teoria do Estádio do Espelho, face àquela que fora proposta em 1949. Nesse momento, Lacan (1961/1998) indica que o acesso à imagem se dá mediante algumas condições, não ocorrendo mais de forma automática, a partir da mera visão de um semelhante. Um olhar faz-se necessário, que testemunhe, que decante o reconhecimento da imagem. Por isso foi afirmado, no tópico anterior, que o Estádio do Espelho é uma metáfora: o espelho vem substituir aquilo que realmente é efetivo aqui – o olhar de reconhecimento, para o qual a criança apela, como testemunha.

O segundo ponto a ser salientado da citação, que vai ao encontro do tema tratado neste tópico – o simbólico – refere-se às suas últimas palavras, que, aliás, já estão em destaque no original: “ela já estava”. A imagem a ser assumida pela criança já existia antes mesmo de ela nascer. Fala-se aqui de uma anterioridade. Lembremo-nos da ilusão de dualidade atribuída à dupla mãe-bebê. Na verdade, esta seria configurada por um triângulo imaginário, cujos vértices se designariam por: mãe – falo – criança. O falo, então, seria o terceiro elemento que delimitaria o lugar, marcado pelo desejo materno, desde onde a criança seria amada pela mãe. (FARIA, 2003). O falo constitui-se para a mãe como objeto simbóli-

co, desde antes do nascimento da criança, ou seja, ele é o lugar ocupado pela criança e que, desde que situada aí, é investida de amor pela mãe. Se a mãe diz amá-la é porque a criança é identificada a esse falo.

No sentido de explicar essa anterioridade é que o falo pode ser convocado como operador teórico. Sendo, para a mãe, objeto simbólico preexistente ao nascimento do bebê, por meio dele podemos entender a anterioridade lógica da linguagem, da ordem simbólica, ao ingresso da criança nesta ordem. “O simbólico é logicamente anterior simplesmente porque, para a mãe, ele já está dado, mesmo antes do nascimento da criança.”¹⁹

Lacan (1957a/1998), em seus termos, assim esclarece essa questão:

A linguagem, com sua estrutura, preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental. (...) o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio.²⁰

De modo que, ao chegar ao mundo, o bebê humano já encontra um discurso feito (um discurso elaborado, digamos, por outros, pela alteridade: discurso do Outro) ao qual ele adere, em princípio, alienando-se nele. Nesse primeiro momento, então, o bebê encontra-se assujeitado ao desejo da mãe, servo de um discurso que circula antes mesmo de ele nascer. Ressalta-se, aqui, a dupla satisfação experienciada pela díade mãe – bebê: ambos satisfazem-se mutuamente. A mãe possuindo o filho como substituto simbólico do falo; o bebê identificando-se especularmente com esse objeto de desejo materno, satisfazendo-se na ilusão de ser esse falo (ilusão sustentada pela identificação imaginária, abordada no tópico anterior). O bebê, então, goza na con-

¹⁸ LACAN, 1961/1998, p. 685.

¹⁹ FARIA, 2003, p. 59.

²⁰ LACAN, 1957a/1998, p. 498.

sistência conferida pelo eu-ideal, assujeitada ao desejo caprichoso da mãe.

Freud (1920/2010), em *Além do princípio de prazer*, descreve uma brincadeira com a qual seu neto, de um ano e meio de idade, se entretém repetidamente. O jogo, notoriamente conhecido como o *Fort-Da*, caracterizava-se pelo desaparecimento e retorno que o garotinho empreendia, fazendo uso de um carretel amarrado em uma linha: ele arremessava o carretel para debaixo da cama, fazendo-o desaparecer, quando emitia a interjeição “o-o-ó” (*fort*, a parte da brincadeira correspondente a “ir embora”). Logo depois, puxava a linha para si, reencontrando o carretel, ao que saudava com “*da*” (“ali”, a parte da brincadeira que correspondia ao retorno, ao reaparecimento). Freud interpreta o jogo como uma encenação das ausências e retornos da mãe da criança, uma experiência que, em si mesma, era aflitiva para o menino. Assim ele expõe e questiona: “É impossível que a ausência da mãe fosse agradável ou mesmo indiferente para essa criança. Como pode então harmonizar-se com o princípio do prazer o fato de ela repetir tal vivência dolorosa como brincadeira?”²¹

Uma das hipóteses que ele propõe ao problema é que, por meio da brincadeira, a criança passava da posição passiva, assujeitada à experiência de ser abandonada, para a posição ativa, respondendo a uma tendência de dominação e obtendo prazer com isso – prazer proporcionado pela descoberta do controle obtido sobre a ausência do objeto perdido (a mãe). Com essa indicação do texto de Freud, verifica-se uma mudança ocorrida numa situação como a descrita pela brincadeira: a criança deixa de ficar totalmente à mercê do desejo da mãe, passiva aos caprichosos cuidados maternos. Mas o que ocorre? A que se deve essa mudança? Freud, no mesmo texto, interpreta o jogo, relacionando-o com a grande conquista cultural da criança, ou seja, a renúncia à satisfação pulsional, efetivada ao permitir que a mãe se ausentasse sem fazer birra.

O que se trata nessa realização cultural é a função de simbolização que passa a operar, e isso só é possível a partir da renúncia a uma parcela de gozo (satisfação pulsional). Retomemos aqui o final da discussão sobre o imaginário, em que, a partir do que foi ali desenvolvido, evidenciava-se a falta de limites e regras em uma relação regida pelo imaginário. A simbolização, o acesso à ordem simbólica, advém de um “Não” interposto à satisfação mútua configurada na relação mãe-criança. Um “Não” do pai, ou, recorrendo à construção teórica, um Nome-do-Pai.²² É esse “Não” que salva a criança do mergulho narcísico, de se afogar na relação especular, constituindo-se como uma intermediação cultural. A função simbólica paterna vem aqui a exercer ação apaziguadora, conectando a normatividade libidinal do espelho narcísico com a normatividade cultural, “ligada desde o alvorecer da história à imago do pai”.²³ O apaziguamento da função do pai refere-se justamente a essas normas culturais, que atribuem lugares específicos a cada membro da cultura. “Filho, embora queira dormir aqui, você vai dormir naquele quarto, que é o seu. Este aqui é da mamãe e do papai.” Esse tipo de indicação vai inscrevendo a dimensão pulsional em regras culturais, vai “educando” as pulsões, circunscrivendo-as à esfera coletiva a que todos estão submetidos (normatividade cultural). Devem esperar, postergando sua satisfação, além desta última efetivar-se com objetos substitutivos ao objeto perdido, contentando-se com satisfações vicárias. Trata-se da inscrição simbólica das pulsões, a renúncia pulsional à qual Freud se refere em seu texto de 1920.

É como que se essa simbolização primordial, cujo mecanismo intrapsíquico correlativo é o recalque originário, marcasse a entrada da criança no jogo humano, a ordem simbólica. E como todo jogo, este também é regulado por leis, às quais a criança deve aquiescer para poder participar.

²¹ FREUD, 1920/2010, p. 173.

²² Em francês, *Nom-du-Père*. Há uma relação de homofonia entre *Nom*: Nome e *Non*: Não.

²³ LACAN, 1948/1998, p. 119.

Vamos então, a partir daqui, procurar caracterizar essa ordem, o simbólico. Lacan (1953/1998), no escrito considerado como aquele que inaugura o primado do simbólico em seu ensino, afirma que a ordem simbólica se identifica com uma ordem de linguagem. Quanto a isso, é necessário fazer menção a uma forte interlocução empreendida por Lacan nos anos 50: a da psicanálise com a antropologia estrutural de Lévi-Strauss. “Não é patente que um Lévi-Strauss, ao sugerir a implicação das estruturas da linguagem e da parte das leis sociais que rege a aliança e o parentesco, já vai conquistando o terreno mesmo em que Freud assenta o inconsciente?”²⁴

Sobre o projeto de Lévi-Strauss, Sales (2005) nos reporta que sua face mais original foi a equivalência estabelecida por ele entre fato social e fato linguístico. O que fundamentaria essa generalização seria a constatação de que os fenômenos da vida social, tal qual a linguagem, constituem-se como um sistema arbitrário de representações. Lévi-Strauss concebia a cultura como um conjunto de regras que organizavam e legitimavam as trocas empreendidas entre os seus integrantes. O que deve ser ressaltado aqui é a ideia de “troca”. Sua teoria considerava que o pensamento simbólico afirma-se como uma relação de troca, ressaltando o caráter relacional implicado na simbolização. Isso resultou em um novo método para se abordar os fenômenos antropológicos. Dado que os fatos sociais são considerados como sistemas de representações, então é possível estudá-los da mesma forma como a linguística abordava o seu campo de investigação, ou seja, tomando-os como uma estrutura. Segundo o estruturalismo, o interesse sobre os fenômenos sociais se desloca dos elementos que compõem o conjunto para as leis que regulam as relações entre os elementos. Essas relações, na antropologia de Lévi-Strauss, seriam as trocas efetuadas entre os indivíduos das outras culturas; trocas cujos objetos de permuta seriam mulheres, bens e mensagens (SALES, 2005).

Essas leis regulatórias das relações se referem a pactos estabelecidos entre os indivíduos, de modo que, estando todos em comum acordo quanto a eles, as trocas possam ser realizadas – este é o funcionamento simbólico; funcionamento subordinado a um sistema de referência coletivo, a partir do qual as experiências individuais ganham significado e a eficácia simbólica encontra o seu fundamento (SALES, 2005). Segundo Lacan (1953/1998): “símbolo quer dizer pacto e (...), antes de mais nada, eles são significantes do pacto que constituem como significado: como se vê no fato de que os objetos da troca simbólica (...) são desprovidos de uso por destinação, senão supérfluos por sua abundância”.²⁵

Assim, a ideia que se precipita, a partir da presente discussão, é que o simbólico é um registro coletivo por definição.

É justamente a partir disso, do registro simbólico, que Lacan redefinirá o conceito de inconsciente (SALES, 2003). Lacan mantinha reservas em relação ao inconsciente, como foi descrito por Freud, por considerá-lo eivado de organicismo. Com a adoção da inteligibilidade estruturalista, Lacan conduziu o empreendimento de desnudar os conceitos psicanalíticos, incluindo o inconsciente, de sua roupagem psicológica (SALES, 2005). Entendendo-o como o próprio funcionamento da função simbólica, e sendo essa desprovida de caráter psicológico, caracterizada por operar fundamentada no coletivo, o inconsciente passa a ser concebido como uma estrutura. Daí o famoso aforismo de Lacan: o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Lacan (1957a/1998) a ele assim se refere: “O inconsciente não é o primordial nem o instintivo e, de elementar, conhece apenas os elementos do significante”.²⁶ Se os elementos que o compõem são significantes, então fica justificada a posição lacaniana de conceber o inconsciente estruturado como uma linguagem. No mesmo escrito, encontra-se outro excerto elucidativo:

²⁴ Idem, 1953/1998, p. 286.

²⁵ LACAN, 1953/1998, p. 273.

²⁶ Idem, 1957a/1998, p. 526.

(...) a estrutura do significante está, como se diz comumente da linguagem, em ele ser articulado. Isso que dizer que suas unidades (...) estão submetidas à dupla condição de se reduzirem a elementos diferenciais últimos e de os comporem segundo as leis de uma ordem fechada.²⁷

O significante caracteriza-se por ser essencialmente negativo, ou seja, ele não é idêntico a si mesmo, só encontrando seu valor a partir da articulação realizada com os outros significantes da cadeia. Esta última, a cadeia significante, ilustra a segunda propriedade do significante que Lacan faz referência: eles estão articulados entre si como uma cadeia, ou, apelando para o substrato topológico: “anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis”.²⁸

Fez-se alusão aqui, ao tratar do método estruturalista, que a abordagem dos fenômenos investigados recairia sobre as leis que regem as relações entre os elementos, em detrimento do estudo das peculiaridades de cada elemento constituinte do conjunto. Segundo Lacan (1957a/1998), essa legislação dos elementos significantes constitui-se por duas leis, correspondentes aos mecanismos propostos por Freud quando do trabalho onírico: metonímia (deslocamento) e metáfora (condensação). É basicamente por meio dessas duas leis que os significantes se organizam na cadeia, fazendo brotar diversas significações. A ambiguidade das palavras e expressões encontra nesses tropos de linguagem o seu lastro, facultando ao sujeito dizer uma coisa totalmente diferente, até mesmo diametralmente oposta, daquilo que se pretendeu enunciar.

O que essa estrutura da cadeia significante revela é a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que essa língua me é comum com outros sujeitos, isto é, em que

essa língua existe, de me servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela diz. Função mais digna de ser enfatizada na fala que a de disfarçar o pensamento (quase sempre indefinível) do sujeito: a saber a de indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade.²⁹

Mas afinal de contas, o que autorizaria a caracterização do simbólico pela insistência? O que do simbólico insiste? O que dele pede, insiste, deixando-nos pouco à vontade, evocando da letra de Aldir Blanc e João Bosco, que abre esta seção do trabalho?

Em *Além do princípio de prazer*, Freud (1920/2010), advertindo que as resistências que surgem, durante um tratamento analítico, e contra as quais se deve lutar, não encontram sua causa no inconsciente, escreve: “O inconsciente, ou seja, o ‘reprimido’, não promove qualquer resistência aos esforços da terapia, ele mesmo não procura senão, apesar da pressão que sobre ele pesa, abrir caminho rumo à consciência ou à descarga através da ação real”.³⁰

A essa manifestação do poder desse material reprimido, que quer a todo o momento irromper, a despeito da repressão, Freud denomina como *Wiederholungszwang*, recebendo em português a tradução de compulsão à repetição ou automatismo de repetição.

(...) o automatismo de repetição (*Wiederholungszwang*) extrai seu princípio do que havíamos chamado de insistência da cadeia significante. Esta própria noção foi por nós destacada como correlata da ex-sistência (isto é do lugar excêntrico) em que convém situarmos o sujeito do inconsciente, se devemos levar a sério a descoberta de Freud.³¹

²⁷ Ibid., p. 504.

²⁸ Ibid., p. 505.

²⁹ Ibid., p. 508.

³⁰ FREUD, 1920/2010, p. 178.

³¹ LACAN, 1957b/1998, p. 13.

Isso se coaduna, encontrando esclarecimentos para esta pesquisa, com proposições de seu Seminário 2 (1954-55/2010), onde diz que o simbólico tem seu fundamento nessa insistência repetitiva do reprimido, na medida em que esta é a causa do sujeito realizar-se sempre em outro lugar, descentrado do *si mesmo*. Sua verdade deve ser buscada nas aberturas do inconsciente, que, como foi dito, revelam a irreduzível divisão do sujeito. Nesse mesmo seminário, enuncia que tudo aquilo que diz respeito à transferência analítica é da ordem da insistência. Sobre isso, tem-se ainda, no escrito *A coisa freudiana*:

A insistência repetitiva desses desejos na transferência e sua permanente rememoração num significante do qual o recalque se apoderou, isto é, onde o recalcado retorna, encontram sua razão necessária e suficiente se admitirmos que o desejo de reconhecimento domina, nessas determinações, o desejo que há por reconhecer, conservando-o como tal até que ele seja reconhecido.³²

Nesse trecho, Lacan alerta para a forma como o recalcado se manifesta ao fazer retorno na transferência. Faz referência aqui ao envelope narcísico, imaginário, com o qual o desejo se reveste. Essas impregnações imaginárias, que caracterizam o desejo de reconhecimento, solicitam que o analista se posicione como um semelhante, como “pequeno outro” (*a*),³³ pois é desde aí que se testemunha o narcisismo do eu do analisante; reconhecimento que tanto pode se atualizar como reassentimento narcísico, reconfortante (“Realmente você é uma pobre vítima das circunstâncias”), ou a “guerra de foices”

da intenção agressiva (“Não acho que você é tão boazinha como está falando. Você está se fazendo de coitada!”). Mas o que mais importa aqui, da citação de Lacan, é que, a despeito do desejo de reconhecimento dominar, existe um desejo, relacionado ao recalcado, que quer ser reconhecido, que insiste.

Retomemos aqui o *Fort-da*: quando a criança entra no jogo simbólico, ao realizar a metáfora do Nome-do-Pai, o que paga como ingresso é a renúncia à satisfação com o objeto primordial. Mas dessa satisfação, permanece um traço de percepção. Ora, se, partindo do ensino de Freud, for considerado que “o desejo é definido como um impulso psíquico que procura reinvestir o traço da percepção (única marca de uma experiência de satisfação) e evocar a própria percepção, a fim de restabelecer uma situação de satisfação”,³⁴ decorre-se disso que o desejo humano será essa tentativa, deslocada, de encontrar esse objeto primordial, com o qual se obteve a satisfação. Se o “Não” do pai faz corte na relação mãe-criança, repleta de satisfação, por sua vez, abre-se o registro simbólico para a criança, no qual ela encontra outros objetos para investir. Sob o signo da falta, inscrita a partir do corte, a criança pode desejar. Não foi anódino o uso do adjetivo “deslocada” para qualificar a tentativa de reinvestimento do desejo: este é deslocamento, é metonímia – de significante em significante. Desloca-se de objeto em objeto; um horizonte sempre apontando para outro horizonte, insistentemente. A insistência do simbólico faz, portanto, com que o recalcado não cesse de se escrever.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: INDICAÇÕES PARA A CLÍNICA

Chegado o momento de concluir, finalizaremos esta pesquisa sobre o imaginário e o simbólico lançando mão de uma citação de Lacan (1957a/1998), em *A instância da letra*, na qual comparecem os dois adjetivos que dão título ao trabalho – a consistência e a insistência: “(...) é na cadeia significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos

³² Idem, 1956/1998, p. 432-433.

³³ Diferentemente do grande Outro (“A”) da linguagem, referente ao campo simbólico, Lacan (1954-1955/1998) grafou como pequeno outro (*a*) a dimensão alteritária relativa ao igual, ao semelhante na espécie humana. Como foi abordado na seção sobre o imaginário deste trabalho, esse outro está acoplado ao eu, em relação reflexiva e intercambiável.

³⁴ SANTOS, 2000, p. 93.

da cadeia consiste na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento”.³⁵

Esse trecho aponta na direção da primazia dos significantes: é a partir da articulação destes que advém uma significação. A psicanálise não se assenta na consistência das significações, devendo envidar o seu foco na cadeia significante, onde alguma coisa insiste.

Relacionando isso à escuta na clínica, verifica-se que há duas formas de receber a fala do paciente. Ao apostar na fixidez do imaginário, nas significações coaguladas, o analista enveredará o tratamento sobre o lastro do desejo de reconhecimento, próprio da relação especular. Como foi abordado, esse mundo das imagens, onde o sujeito se objetiva nas ficções do si mesmo, é ilusório, prenhe de engodo. Reconhecer essas objetivações do eu não leva à verdade do sujeito. Caso o tratamento for assim dirigido, este se constituirá como uma ortopedia imagética, adaptando o paciente segundo as normas de uma ética do bem viver, “padrões salutareis” de comportamento, além de incorrer no risco de transformar o consultório do analista em um verdadeiro campo de batalha, dada a correlação entre agressividade e narcisismo.

A partir das indicações de Lacan, podemos verificar que o simbólico fundamenta-se na insistência repetitiva do recalçado, o sujeito se realizando descentrado do si mesmo, posto que sua verdade não se localiza aí. Ao considerar a psicanálise como um trabalho de investigação da verdade do sujeito, averigua-se a outra forma de recepção da fala: justamente, tomando-a como cadeia significante, ou seja, tomando-a ao pé da letra, prescindindo da escuta das significações cristalizadas, da pregnância do imaginário.

Se, como foi exposto, o inconsciente é estruturado como uma linguagem, suas formações também o são: “o sintoma se resolve por inteiro numa análise linguageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem cuja fala deve ser libertada”;³⁶ “se o sintoma é

uma metáfora, dizê-lo não é uma metáfora”.³⁷ Na clínica, na fala associada livremente pelo analisante, sempre irrompe algum significado, dado certo arranjo significante, que contrasta com aquilo que ele tentou expressar. Esses momentos de abertura do inconsciente, que nada mais seriam do que o aparecimento de uma evidência de divisão (“eu acho que sou assim, mas falei algo que aponta para algo divergente daquilo que penso que sou”), constituem-se na forma do sujeito procurar a sua verdade. A ambiguidade da língua, atualizada nos deslizamentos da fala, exerce a função de indicar o lugar do sujeito na busca de sua verdade. Se, como foi exposto, o eu não se presta como lugar da verdade, esta pode ser buscada na abertura ao simbólico, embora, mesmo aí, não seja toda a verdade que se pode encontrar. Ela é sempre não-toda.

Obviamente, como nota Lacan (1953/1998), deve se ter em mente que a relação imaginária é o único objeto ao alcance do analista. Não podendo eliminá-la, ele orienta: “ouvidos para não ouvir, ou dito de outra maneira, para fazer a detecção do que deve ser ouvido”.³⁸ Eis o que deve orientar a escuta: a cadeia significante, em cujo deslizamento, de elemento em elemento, o sentido insiste. Assim, é no campo simbólico onde a psicanálise se afirma. Um tratamento pelo simbólico, por meio do qual o desejo pode vir a ser reconhecido.

Uma consideração ainda deve ser feita antes de finalizar. Como foi desenvolvido acerca do simbólico, o recalçado insiste, não cessa de se escrever. Há sempre um novo sentido a brotar da tessitura entre os significantes, conferindo ao sujeito novas interpretações a partir das quais ele pode ler seu percurso de vida. Dessa forma, é importante ressaltar qual o período teórico de Lacan cujas formulações serviram ao desenvolvimento desta pesquisa. Evocou-se aqui a fase do primado do simbólico, quando Lacan tinha como um de seus pressupostos certa noção de historicização. Segundo esta, a verdade do desejo recalçado poderia ser encontrada na anamnese psicanalítica. Seria como encontrar a peça faltante do quebra-cabeça que, depois

³⁵ LACAN, 1957a/1998, p. 506. O destaque em itálico é do autor.

³⁶ Idem, 1953/1998, p. 270.

³⁷ Idem, 1957a/1998, p. 532.

³⁸ Idem, 1953/1998, p. 255.

de encaixada, revelasse o sentido último, a “verdade verdadeira”. “O inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser resgatada; na maioria das vezes, já está escrita em outro lugar.”³⁹ O sentido que insiste na cadeia significante, presente na citação de Lacan que abre a última seção do artigo, é tributário desse princípio de historicização.

A insistência condiz com uma característica do desejo, presente no ensino de Freud,

segundo a qual ele é indestrutível (FREUD, 1900/2013). Assim, a verdade do desejo encontrada no simbólico, inscrita no inconsciente, é não-toda. Existe algo da ordem humana que não é recoberto pelo campo do significante, que não recebe inscrição simbólica. Essa constatação, presente na clínica psicanalítica como algo inominável, não traduzível em palavras, solicita então a formulação de um outro registro, que Lacan designou como o Real, com cuja referência este estudo encontra, enfim, a sua derradeira palavra.

REFERÊNCIAS

COSTA, J. F. **Psicanálise e contexto cultural: imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapia**, Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1989.

FARIA, M. R. **Constituição do sujeito e estrutura familiar: o complexo de Édipo de Freud a Lacan**, Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.

FREUD, S. [1900]. **A interpretação dos sonhos**. Porto Alegre: L&PM, 2013, v. 2.

_____. [1905]. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.” In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. VII.

_____. [1914]. “Sobre o narcisismo: uma introdução.” In: _____. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 12.

_____. [1920]. “Além do princípio de prazer.” In: _____. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 14.

LACAN, J. [1948]. “A agressividade em psicanálise.” In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. [1949]. “O estágio do espelho como formador da função do eu.” In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. [1953]. “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise.” In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. [1953]. “O simbólico, o imaginário e o real.” In: _____. **Nomes-do-pai**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. [1954-1955]. **O Seminário, livro 2: o eu na teoria e na técnica da psicanálise**. 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. [1956]. “A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise.” In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. [1957a]. “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud.” In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. [1957b]. “O seminário sobre ‘A carta roubada’.” In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. [1961]. “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: ‘Psicanálise e estrutura da personalidade’.” In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

---

³⁹ Ibid., p. 260.

LÉGER, C. “Que outro é esse então, ao qual sou mais apegado do que a mim mesmo?” In: MILLER, G. (org.) **Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LEITE, M. P. S. **Psicanálise lacaniana: cinco seminários para analistas kleinianos**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PLATH, S. [1961]. “Espelho.” In: _____. **Poemas**. 2. ed., São Paulo: Iluminuras, 2005.

QUINET, A. **Teoria e clínica da psicose**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

SALES, L. S. “O valor epistemológico do diálogo de Jacques Lacan com o estruturalismo.” **Psychê**. São Paulo, vol. VII, nº. 11, p. 39-58, jun., 2003.

_____. “O funcionamento simbólico segundo Lévi-Strauss e sua aplicação, por Lacan, ao sofrimento neurótico.” **Acheronta – Revista de Psicoanálisis y Cultura**. Buenos Aires, nº. 21, p. 186-211, jul., 2005.

Submetido em: 31-3-2016

Aceito em: 25-9-2016